

A construção da *MEMORIA* nos discursos de celebração do 25 de Abril: relevância da anáfora retórica e da aforização

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.153.2>

Isabel Roboredo Seara*

* Universidade Aberta. CLUNL – NOVA / CEHUM – PRADIC / DIGITHUM – LE@D.

Resumo: A questão dos enunciados construídos para serem memorizados e recordados é antiga. Já na Retórica foi dado especial relevo à questão da *memoria*, alicerçada em figuras e formas breves, fragmentárias, sentenciosas, às quais subjaz a facilidade de repetição e de memorização. Para a Retórica, a par da *inventio*, da *dispositio*, da *elocutio* e da *actio*, a *memoria* ocupa-se dos processos de memorização de um discurso (cf. Krieg-Planque, 2011, p. 30).

A fundamentação teórica deste estudo convoca noções de Análise do Discurso, Semântica, Retórica e Pragmática, nomeadamente os trabalhos de Maingueneau (1999, 2010, 2012 e 2022). Após circunscrever os conceitos de aforização, de enunciado breve e de anáfora retórica, ensaiar-se-á mostrar como estes enunciados, passíveis de serem destacados a nível enunciativo, estão ao serviço da construção da *memoria* nos discursos de celebração de Abril. Algumas especificidades dos enunciados, como o caráter cristalizado, a inscrição discursiva, a enunciação aforizante que remete para um referente social histórico, permitem comprovar a relação entre ideologia e discurso.

A análise incidirá sobre os discursos presidenciais do atual Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

Palavras-chave: discurso político de comemoração, análise pragmático-discursiva, construção da *memoria*, anáfora e pergunta retórica, aforização

Nous parlons nos souvenirs avant de les évoquer: c'est le langage et c'est tout le système des conventions sociales qui en sont solidaires qui nous permet à chaque instant de reconstruire notre passé.

Halbwachs, 1975, p. 279

1. Introdução

Os discursos presidenciais, na cerimónia oficial de comemoração do 25 de Abril, revestem-se de importância política, social e histórica. Embora obedçam a exigências institucionais, patenteiam idiossincrasias que pretendemos realçar ao analisar os discursos proferidos pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. O *corpus* de análise é constituído por oito discursos do atual Presidente da República, proferidos justamente no dia da data comemorativa da revolução de Abril.

A primeira eleição de Marcelo Rebelo de Sousa ocorreu no dia 24 de janeiro de 2016 para um mandato de cinco anos (2016-2021), com 52% dos votos. Por sua vez, cinco anos volvidos, justamente no dia 24 de janeiro do ano 2021, foi reeleito para um segundo mandato, com 60,67% dos votos expressos.

Os discursos que são analisados foram, pois, proferidos em cerimónia solene do 25 de Abril, realizada na Assembleia da República, na precisa data festiva, nos anos 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023.

Como sublinha Marques: “O ato explícito de pensar publicamente o 25 de Abril é um ato de poder político com alto valor simbólico, que visa a coesão social e ideológica da Nação”. (2018, p. 121).

Aos discursos presidenciais de comemoração de Abril estão subjacentes vários tópicos discursivos: desde logo, a necessidade de justificar e dar sentido ao momento comemorativo; por outro lado, o reforço do propósito de unir os portugueses, evidenciando que o presidente é o representante máximo e é o primeiro entre os portugueses, numa dinâmica de encenação da unidade nacional, cumprindo assim o que outros estudos sobre discursos

presidenciais advogam: “L’impératif d’unité est également martelé par le président dans ses discours” (Boussaguet & Faucher, 2018, p. 95). Outro propósito que é recorrente é o do agradecimento, rendendo homenagem quer aos capitães que estiveram na génese da revolução de Abril e na implementação do regime democrático quer aos presidentes antecedentes, quer, sobretudo, ao povo português.

Assim, o passado, o presente e o futuro de Portugal estão inscritos no importante momento político e mediático, assim como o passado, o presente e o futuro dos portugueses. (Amorim 2021, p. 248)

1.1. O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa

Marcelo Rebelo de Sousa foi eleito, pela primeira vez, Presidente da República Portuguesa no dia 24 de janeiro de 2016. Aos 68 anos, foi eleito o vigésimo Presidente da República Portuguesa, e na tomada de posse, no dia 9 de março, foi, desde logo, confirmada a afirmação do seu *ethos* de proximidade e de afetividade.

(1) Aqui [em Portugal] se criaram e sempre viverão comigo aqueles sentimentos que não sabemos definir, mas que nos ligam a todos os Portugueses. Amor à terra, saudade, doçura no falar, comunhão no vibrar, generosidade na inclusão, crença em milagres de Ourique, heroísmo nos instantes decisivos (discurso de tomada de posse, 2016).

Como bem anota Amorim,

Desde então, o epíteto “Presidente dos Afetos” é frequentemente utilizado na linguagem comum e na linguagem do jornalismo enquanto sinónimo substituto do seu nome e cargo. Como se de um cognome se tratasse, essa designação procura caracterizar o modo como o Presidente exerce o seu poder político: junto do *povo*, abraçando-o, beijando-o, tirando *selfies* com todos (2021, p. xi).

Para a construção dessa imagem, concorrem vários *ethè* já analisados anteriormente, nomeadamente em Marques (2014) e Seara (2019), ou seja, o *ethos* de autenticidade e o *ethos* de proximidade. O presidente é conhecido como um homem de contacto direto e caloroso, que declina quotidianamente a gramática gestual da proximidade e que, como sublinha Sebastião (2018), na biografia sobre o presidente:

Senta-se no chão a falar com sem-abrigo, abraça e conforta quem chora desesperadamente, [...] fala com a mesma naturalidade com Chefes de Estado, presos ou sem-abrigo. Dá dicas sobre maquilhagem ou como estender a roupa com a mesma desenvoltura com que fala em várias línguas ou discursa na Assembleia Geral das Nações Unidas (2018, p. 14).

Como Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa é um presidente carismático, alcançou a aura que raras figuras da História do país e do mundo adquirem (Amorim, 2021, p. 95). É um dos presidentes mais populares da democracia portuguesa, dada a sua proximidade com os cidadãos, razão pela qual é considerado o Presidente-Celebridade, exercendo uma “magistratura de afetos” (cf. Sá Couto, 2019).

Importa anotar que na página da Presidência da República, na qual se pode ler a biografia de Marcelo Rebelo de Sousa, listando as habilitações literárias e profissionais, de elevado sucesso, os múltiplos cargos e desempenhos profissionais, se descortina a sua total dimensão mediática, como é referido por Maria João Avillez numa entrevista, mostrando que não há memória de um Presidente da República ser tratado pelo primeiro nome:

Deve ser dos poucos portugueses que dispensa apelido e é pelo menos tão popular quanto um jogador de futebol: a televisão tornou-o num primo que vem jantar aos domingos com histórias para contar. Uma transversalidade quase única na sociedade portuguesa, dotes de comunicação dignos de um Vitorino Nemésio, a plateia do país predisposta a acreditar, mas, como dizer? (Sá Couto 2019, p.127).

Marcelo tem um estilo político; que remete para uma relação mais aberta com a sociedade, uma relação de proximidade, “ele é um de nós”, como afirma António Costa Pinto (Sá Couto, p. 308)¹.

1 Excerto de uma entrevista de Sandra Sá Couto ao cientista político António Costa Pinto, realizada a 2 de março de 2018, constante do Apêndice 5 (pp. 306-309) da tese de doutoramento da autora: *O Presidente – Celebridade* (2019).

Alguns estudos têm-se focado na análise do desempenho de Marcelo Rebelo de Sousa como Presidente da República, nomeadamente os trabalhos que constam de uma obra coletiva, publicada em 2017, *O Presidente da República em Notícia: Análise do primeiro ano de Marcelo Rebelo de Sousa em Belém*, coordenada por Felisbela Lopes e editada pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade de Universidade do Minho. Da mesma autora, em coautoria com Leonete Botelho, revela-se capital a leitura do livro sobre os três primeiros anos do mandato do Presidente: *Marcelo – Presidente todos os dias* (2019).

Outro texto de superior importância é de autoria de Marina Costa Lobo “*Personality Goes a Long Way*”, que foi publicado, em obra conjunta, em 2017, pela Cambridge University Press.

2. A construção da MEMÓRIA

[...] Que o rito se repita, mas que seja mais do que um rito, que seja memória, que seja gratidão, que seja esperança.

Marcelo Rebelo de Sousa, 2019

Por sua vez, o livro de Cláudia Sebastião, dado à estampa em 2018, *Marcelo Rebelo de Sousa – O Presidente dos Afetos*. Lisboa: Paulus Editora, teve uma ampla recetividade e, na sua apresentação em Lisboa, a jornalista Fátima Campos Ferreira reiterou precisamente que “Marcelo não traz mais integridade ou sentido de missão que os seus antecessores. Mas traz proximidade, coragem na forma como agarra o poder e o leva ao teatro da tragédia humana». (<https://www.paulus.pt/blogs/news/a-simplicidade-dos-homens-grandes>)

Face à popularidade do Presidente e, sobretudo, à singularidade do seu percurso, múltiplos trabalhos académicos, dissertações de mestrado e teses de doutoramento, de diversas áreas, desde o Jornalismo, às Ciências da Comunicação, da Linguística à Ciência Política, têm elegido a figura e os discursos do Presidente como foco, entre os quais nos permitimos destacar: a dissertação de mestrado, no âmbito do Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação do ISCTE, da autoria de Ana Filipa Morão, intitulada: *O poder da imagem mediática de Marcelo Rebelo de Sousa – O perfil de um candidato atípico*. Na Universidade do Minho, no Mestrado em Ciências da Comunicação, *A Influência das Sondagens na Intenção de Voto – Uma Análise da Eleição de Marcelo Rebelo de Sousa*, da autoria de João Pedro Pacheco, em 2019.

Sob nossa orientação, na Universidade Aberta, no âmbito do Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa, a dissertação *Para preencher o défice de esperança... um discurso de afetos – Análise retórico-discursiva e contrastiva dos discursos do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa e dos seus antecessores*, de Sílvia Soares (2019), em que a autora analisa precisamente as estratégias linguísticas utilizadas pelo Presidente para criar um *ethos* de cumplicidade com o povo português. Refiram-se, ainda, a tese de doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais de Sandra Sá Couto, intitulada *O Presidente-Celebridade* (2019), e a mais recente tese, defendida por Francisca Gonçalves Amorim, intitulada *A Retórica dos Afetos. O caso do XX Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa*, na qual o subcapítulo intitulado “Uma biografia dos Afetos” (pp. 55-99) nos permite compreender, através de uma organização primorosa, organizada por décadas, as estratégias emocionais utilizadas na retórica política do Presidente da República.

Propositadamente, referimos em último lugar alguns dos trabalhos desenvolvidos por investigadores do PRADIC e por linguistas que têm trabalhado, sob a tutela da Professora Doutora Maria Aldina Marques, no projeto intitulado “O Discurso do Presidente, 100 anos de discursos presidenciais em Portugal”. Da autoria de Maria Aldina Marques, destacam-se os textos: “Palavra de Presidente: construção da autoridade nos discursos de Abril”. *forma breve* n.º 11, 2014, pp. 297-311 ; “Discours présidentiels au Portugal. Un regard pluridisciplinaire”. *Mots. Les langages du politique*, 112, 2016, pp. 125-132; “Approximation, M.H.A. force argumentative et deixis personnelle dans les discours politiques de commémoration”. Em Carreira e A. Teletin (ed.), *Travaux et Documents 62 – La deixis et son expression dans les langues romanes*, 2017, pp. 67-80; “Enunciação e Referenciação. Os Discursos de celebração de Abril”. *REDIS, Revista dos Estudos do Discurso*, n.º 7, 2018, pp. 120-140. E, naturalmente, o texto, que assina com Isabel Margarida Duarte, precisamente neste volume coletivo, intitulado “O 25 de Abril como memória construída nos discursos presidenciais de comemoração: negação e construção de um posicionamento enunciativo”.

Refiram-se dois textos relevantes de um investigador da Universidade do Minho, Rui Ramos, que integra desde o início o projeto atrás referido, que trazem uma importante reflexão sobre os discursos de comemoração: “O discurso da liberdade na pós-revolução. Análise de um discurso comemorativo do 25 de Abril em 1977”. *forma breve*, n.º 11, pp. 273-295. “Mário Soares: Discursos do Presidente Mário Soares nas comemorações do 25 de Abril (1986-1995)”, em Maria Aldina Marques e Xosé Manuel Sánchez Rei (Eds), *Estudos atuais de linguística galego-portuguesa*, 2019, pp. 187-212.

A ideia da construção da memória é antiga, está presente na Retórica Clássica, pondo em evidência figuras e formas propícias à recordação e à memorização. Juntamente com a *inventio*, a *dispositio*, a *elocutio* e a *actio*, a *memoria* corresponde à parte da Retórica que se ocupa justamente dos processos que permitem a memorização de um discurso. Na Retórica contrapõe-se a *memoria verborum* (memória das palavras) à *memoria rerum* (memória das coisas, dos factos *sententialiter*)². Importa realçar que a primeira se concretiza naturalmente em formas de repetição e de retoma, ao passo que a segunda testemunha o poder cognitivo, de representação mental, estreitamente ligada às condições sociais, históricas e cognitivas de produção do discurso, expressa em construções discursivas mais elaboradas. No entanto, convém reforçar que, na perspetiva da análise do discurso, tanto a memória das palavras como a memória dos factos se materializam na linguagem (cf. Paveau, 2006).

Para o filósofo Halbwachs, a memória coletiva é uma reconstrução do passado com vista a organizar o presente, e não uma recriação idêntica de um passado preservado (cf. Paveau, 2006, p. 87). Este construtivismo é explanado na sua obra de 1941, em que se releva a importância da adaptação dos factos históricos às crenças e às necessidades do presente:

Si, comme nous le croyons, la mémoire collective est essentiellement une reconstruction du passé, si elle adapte l'image des faits anciens aux croyances et aux besoins spirituels du présent, la connaissance de ce qui était à l'origine est secondaire, sinon tout à fait inutile, puisque la réalité du passé n'est plus là, comme un modèle immuable auquel il faudrait se conformer. (Halbwachs, 1941/1971, p. 7).

Partindo da convicção de que a linguagem é o tecido da memória, ou seja, que é unicamente através da linguagem, do discurso, que se preserva o essencial da vivência histórica, importa perceber e analisar as formas de preservação da memória coletiva, como defende J.-J. Courtine que, inspirado nas reflexões de M. Foucault e de P. Nora³, integrou este conceito no

2 Atente-se na passagem de M. J. Carruther que confirma que: "No treinamento da memória no Ocidente, uma distinção fundamental também era feita entre 'memoria verborum', ou memorização literal, palavra-por-palavra, e 'memoria rerum', ou a recordação de palavras e ideias principais de um texto, sua "matéria substancial". A isso também se dá o nome de "memoria rerum", a "memória das coisas" e ao ato de lembrar "sententialiter ou summatim". In. Uma arte medieval para a invenção e para a memória: a importância do "lugar" (Remate de Males, 26(1), jan./jun. 2006, pp. 17-29).

3 Para além das obras de Michel Foucault (1969) e de Pierre Nora (1984), referimos como fundamentais para equacionar estes conceitos a de J. Le Goff, 1977, *Histoire et mémoire*, 1977; e a de Paul Ricœur, *Archéologie du Savoir*, 2000.

domínio da Análise do Discurso ao advogar: “Ce n’est plus la mémoire qui constitue un espace pour le langage, lieu de langage, mais le langage qui constitue la matière, ici tissu, de la mémoire” (Courtine, 1994, p. 10).

Nos discursos comemorativos do 25 de Abril sobressai a ampla valorização positiva da Revolução, lembrando os ideais por ela consagrados e a instauração da liberdade, enaltecendo os aspetos mais consensuais da democracia e ressaltando também os amplos direitos sociais conquistados. Assim, os discursos de comemoração salientam não só o objetivo de homenagear os militares de Abril, como visam defender e aprofundar as conquistas da Revolução, e bem como reforçar os ideais que devem continuar vivos na consciência de todos os portugueses.

Essa valorização positiva do 25 de Abril faz-se presente em todos os discursos presidenciais, sendo estes dominados, como ensaiaremos mostrar, pela memória dos factos, dos protagonistas e, ainda, pontualmente, pela memória individual, que é idiossincrática do discurso deste presidente. Enfatiza-se, em suma, a necessidade de preservar a memória, como sublinhara o filósofo Agostinho da Silva: “Todos nós temos o direito à *memória* e a nossa *memória* coletiva de Abril precisa de ser urgentemente dignificada”⁴, e o presidente reafirma-o:

(2) *O 25 de Abril de 1974 faz parte da memória pessoal vivida da ainda maioria dos presentes nesta evocação, que por muito que se diga que um dia será olvidada, porque banal ou remota, nunca desaparecerá da memória coletiva.* (Marcelo Rebelo de Sousa, 2018)

2.1. Memória dos factos históricos

Evocar factos da história de Portugal é imperativo de um discurso de comemoração.

Tal como define Carme Molinero, a memória coletiva consiste no conjunto de elementos considerados socialmente relevantes: uma seleção de factos fixados na memória individual, de modo a reter imagens do passado que atuam como referência social (Molinero, 2006, p. 306). Saliente-se, por isso, retomando as palavras de Soutelo, a estreita relação existente entre memória e História, ao afirmar que entender o presente como História exige

4 “Restituir o sonho – a proposta do Prof. Agostinho da Silva”. *Jornal de Notícias*, 25 de abril de 1989, p. 4. Sublinhados nossos.

uma “objetivação” da memória; sendo assim, a memória pública consiste na memória em que se baseia um presente histórico (Soutelo, 2009, p.1).

Destacaremos nesta análise dois *topoi* que são caros ao Presidente Marcelo Rebelo de Sousa. Desde logo, o *orgulho* de ser português e a coragem de trazer de novo para a cena pública e política os ideais patrióticos:

- (3) *Em suma, temos muito orgulho na nossa história, no nosso patriotismo aberto ao universo, na nossa capacidade para nos reinventarmos em democracia, mantendo-nos fiéis à nossa língua, às nossas raízes, à nossa maneira de ser.* (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

Por outro lado, a *esperança* que, como veremos adiante, no ponto 3.1., o presidente declina continuamente, ao lembrar que foi em Abril que se inaugurou esse horizonte de esperança e que o simbolismo da data não deve jamais esmorecer.

- (4) No dia 25 de Abril, *devemos celebrar a esperança*. Foi a *esperança* de um tempo novo que deu ânimo e coragem aos militares que derrubaram a ditadura. *É a esperança* de um futuro melhor que nos deve juntar todos em nome de Portugal e em nome dos Portugueses. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

Desde a história da fundação da nacionalidade até à história contemporânea, em todos os discursos, o presidente relembra acontecimentos marcantes que ajudaram a consolidar e erguer a nação como livre, democrática e independente, sem recear convocar momentos de dificuldades, qualificando-os de “cruentos”, “dramáticos” e “chocantemente adversos”.

- (5) Recordarmos o passado, a *cruenta* divisão da Europa, os intensos e mesmo *dramáticos* debates nacionais acerca do envolvimento na guerra, o chamado «Governo de União Sagrada», a inesquecível ida do Presidente Bernardino Machado ao Corpo Expedicionário Português na frente de batalha e aos nossos aliados no desafio comum, a muito *acidentada* preparação e difícil resistência das nossas Forças Armadas, confrontadas com situações *chocantemente adversas*, o sonhado papel legitimador, interno e externo, da presença militar portuguesa para a República nascente, englobando a defesa das colónias e, sobretudo, o direito a participar no momento da vitória, com as inerentes consequências políticas. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2018)

Os factos aparecem indissociavelmente associados a datas, pelo que, no discurso de 2020, relembra datas cruciais da história de Portugal: desde logo, a restauração da Independência, que representou o culminar de sessenta anos e pôs fim ao domínio espanhol (de 1580 a 1640); outra data que é convocada é a de 5 de outubro, a Implantação da República Portuguesa em 1910, que destituiu a monarquia constitucional e implantou o regime republicano em Portugal.

- (6) O 10 de Junho é essencial e vai ser evocado. O 1.º de Dezembro é essencial e vai ser evocado. O 5 de Outubro é essencial e vai ser evocado. O 25 de Abril é essencial e tinha de ser evocado. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020)

E retoma esses factos no final do mesmo discurso, repetindo, enfatizando a sua relevância:

- (7) Fizemo-lo na improvável independência, na impossível expansão marítima, na inesgotável presença universal, na intemerata semente de liberdade que há 200 anos foi lançada na Revolução do Porto, no inadiável gesto de Abril de 1974. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020)

Assume, com frontalidade, o passado histórico de domínio imperialista, criticando o atraso com que retardámos o processo de descolonização em África:

- (8) Continua a ser complexo entendermos tanto os olhares no fim do século XIX, *quando os impérios esquetejaram, a régua e esquadro, o continente africano*, ou como os do começo do século XX, quando o império monárquico passou a império republicano. Mais óbvio é, pelo contrário, o juízo sobre o passado ainda mais recente, quando outros impérios terminaram e o *império português retardou, por décadas, o processo descolonizador*, recusando-se a ouvir conselhos da História e apenas extinguindo o indigenato nos anos 60, ou seja, uma dúzia de anos antes de 1974. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2021)

Em 2023, na cerimónia de comemoração do 25 de Abril foi convidado o Presidente da República Federativa do Brasil, Lula da Silva, e também nessa ocasião Marcelo Rebelo de Sousa aproveitou o ensejo para lembrar que o presidente brasileiro “representa precisamente a primeira das

descolonizações de Portugal” (Marcelo Rebelo de Sousa, 2023), máximo e simbólico representante de uma pátria irmã, anotando:

(9) [...] a Assembleia da República viveu hoje, aqui, uma coincidência tão feliz, derivada dos 523 anos sobre o dia 22 de Abril que assinalou o momento primeiro do contacto português com o território brasileiro. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2023)

Ao relembrar alguns dos factos, o presidente evidencia que o conhecimento histórico visa compreender o passado, sem o julgar ou condenar e, similarmente, sem o enaltecer e glorificar, mas sobretudo no sentido de conservar a memória; e as comemorações, além de presentificarem o passado, visam unir os cidadãos em torno de imagens, de símbolos, de factos, de referências que singularizam e identificam o país e um povo que abriu novos mundos ao mundo⁵.

2.2. Memória dos protagonistas

A memória dos protagonistas é maioritariamente expressa através de louvores e atos de agradecimento que tanto podem ser dirigidos a um destinatário global, no qual o locutor se inclui, como serem dirigidos, em concreto, a classes profissionais, a presidentes antecedentes, aos capitães de Abril, a vultos da história nacional.

(10) *É notável aquilo que alcançámos [...].*

Portugal possui atualmente cientistas e investigadores que ombreiam com os melhores. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

(11) *Fomos pioneiros há 500 anos, quando tirámos partido da nossa proximidade ao oceano para descobrirmos novos mundos; fomos pioneiros há 40 quando a revolução de Abril iniciou uma vaga de democratização que se estendeu a vários países [...]* (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

A exaltação dos valores dos que constroem Portugal é veiculada através de expressões valorativas que, para além do sentido de gratidão por parte do

⁵ Uma sentida homenagem à colega e amiga historiadora, Professora Maria Isabel João, que partiu prematuramente de entre nós, para agradecer o laborioso trabalho de investigação em torno das comemorações, entre os quais destaco o texto “Memória e comemoração”. In *História Revista*, v. 8, n. 2/3, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10474>.

presidente, estão imbuídas da vontade de corroborar o sentido de pertença e de orgulho em ser português, como é patente no uso da expressão “fomos pioneiros”.

- (12) Em suma, *aos portugueses devemos a nossa democracia ser efetivamente representativa e salutarmente participativa, ser passado, mas também presente e futuro, significar mais do que um sonho para alguns, antes um regime ao serviço de um desígnio nacional.* (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

O seu reconhecido posicionamento, mais conversador, fá-lo lembrar e convocar, de novo, para a Assembleia, o termo “patriotas”:

- (13) E não tenhamos medo das palavras e do que elas encerram, *patriotas fervorosamente orgulhosos da sua Nação.* (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

Neste mesmo discurso de 2017, o presidente elege também o “poder local” para lhe prestar homenagem e usa uma expressão metafórica que retomou em outros momentos para o qualificar: “fusível de segurança” (cf. Seara, 2019).

- (14) Há, neste contexto, um bastião da nossa democracia que merece, hoje, na evocação do 25 de Abril, uma palavra muito especial: *o poder local.* Já disse, e repito: *o poder local* foi e é um «fusível de segurança» singular da nossa democracia. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

Tal como anotaremos mais adiante, a propósito do reconhecimento da importância do poder local, o presidente aproveita para lembrar a sua própria condição de autarca, mostrando assim o seu *ethos* de autoridade, que lhe advém da experiência nesse domínio da esfera local e um *ethos* de proximidade, na medida em que invoca o seu caso pessoal.

- (15) Espero-o, também, a duplo título, como Presidente da República e como antigo autarca, durante 19 anos, no mais rico, num seu vizinho, e no então, porventura, mais pobre município nacional. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

Por outro lado, há uma convergência nos discursos presidenciais sobre a atuação dos militares de Abril como elemento central na condução do

processo revolucionário português, em 1974, não apenas porque lhes é historicamente atribuída a autoria do golpe que derrubou o regime ditatorial, mas sobretudo porque os militares e a organização responsável pela movimentação política, o MFA, foram legitimados como agentes principais da revolução (cf. Soares, 2009, p. 21).

Os capitães de Abril são recorrentemente convocados em todos os discursos do Presidente Marcelo e são legitimados pelo seu papel fundamental na queda da ditadura salazarista e como protagonistas da implementação serena do novo regime, assumindo um papel central na configuração do processo democratizador português, pelo que são exaltados e lhes é devido um agradecimento, como atestam as passagens *infra*:

- (16) Para mostrar que não nos esquecemos da nossa História e que há datas, como a do 25 de Abril – *bem hajam os destemidos e corajosos Capitães de Abril* –, que não foram, nem nunca serão, indiferentes ao nosso destino coletivo. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)
- (17) Para os *Capitães de Abril* aqui presentes e para todos quantos já partiram, mas que continuam no nosso pensamento, a certeza de que não esquecemos, não omitimos, não apagamos. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2018)
- (18) Evocar Abril não é apenas, nem sobretudo, agradecer ao representante dos *Capitães de Abril*, aqui presente, o seu gesto insubmisso e o dos seus pares. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020)
- (19) [a mudança] ganhou o seu tempo e o seu modo decisivo no gesto essencial dos *Capitães de Abril*, aqui qualificadamente representados pela Associação 25 de Abril, que saúdo, reconhecido, em nome de todos os portugueses.
[...] Pois foram estes homens, eles mesmos, não outros, os heróis naquela madrugada do 25 de Abril! (Marcelo Rebelo de Sousa, 2021)

No discurso de 2021, a referência não se confina ao elogio dos militares de Abril, que operaram a Revolução e a mudança de regime, pois o presidente aproveitou o ensejo para lembrar (apelando, de novo, à memória) todos os combatentes da guerra do Ultramar e todos quantos os que deram a vida para que Abril efetivamente acontecesse.

(20) Tal como haviam sido eles, também foram muitos, muitos mais os combatentes, ano após ano, nas longínquas fronteiras do império.

[...] Estes não eram, não tinham sido militares de alcatifa, tinham sido, sim, grandes chefes militares no terreno e, nele, responsáveis por anos de combate, de coordenação com serviços de informação e de atuação antiguerrilha, de proximidade das populações. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2021)

O tributo de gratidão, apelando à memória, estende-se dos capitães às Forças Armadas:

(21) [...] O que reforça a nossa unidade nacional, nomeadamente o papel estruturante das Forças Armadas. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2018)

E a defesa intransigente do papel central das Forças Armadas é criteriosamente justificada, apontando a sua centralidade na construção e na manutenção da democracia e criticando aqueles que fazem apenas a colagem da instituição militar a tempos passados da ditadura.

(22) Por isso mesmo, *a instituição militar, algumas vezes apressada e erroneamente vista por alguns como reminiscência do passado* e não como garantia do presente e aposta no futuro, mantém, para não dizer que reganha, centralidade quando se reforça a democracia ou mais amplamente se constrói a unidade nacional. Afirmá-lo sempre é imperativo, agir em conformidade é-o ainda mais. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2018)

É importante explicitar as referências aos anteriores Presidentes ou a destacados vultos da construção da democracia, justamente com o intuito de explicar o contributo para a transformação política e social da sociedade portuguesa, a fim de demonstrar, para a posteridade, o poder e a capacidade das pessoas comuns em mudar a História e, conseqüentemente, valorizar a preservação pela memória.

(23) Para evocar os que já nos deixaram, como Mário Soares – ainda há três meses – mas que continuam bem vivos na nossa memória. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

- (24) Evocar Abril não é apenas, nem sobretudo, recordar, neste primeiro ano em que já não estão todos eles connosco, os quatro principais fundadores partidários do constitucionalismo pós-Abril, e que sucessivamente nos deixaram: Francisco Sá Carneiro, Álvaro Cunhal, Mário Soares e, no ano passado, Diogo Freitas do Amaral. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020)
- (25) [...] o primeiro Presidente da República eleito da democracia portuguesa, que sempre recusou o marechalato que merecia e merece: o Presidente António Ramalho Eanes. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2021)

A exceção na escolha singular do destinatário do reconhecimento e do agradecimento aconteceu precisamente no ano de 2020, em contexto de pandemia, em que o presidente discursou, em circunstâncias muito especiais⁶ e enfatizou a importância dos que, com um espírito de total entrega e abnegação, ajudaram a salvar vidas e a ultrapassar os delicados momentos que se vivenciaram, enfatizando construtivamente “os exemplos de criatividade”. No fundo, releva as ações solidárias, as motivações e as atitudes de um conjunto que não nomeia, mas que enaltece.

- (26) Evocar Abril é *testemunhar gratidão* sem fim aos que salvaram, salvam e salvarão vidas. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2021)
Evocar Abril é reconhecer improvisos, imprevistos, atrasos, mas também competências, devoções, determinações, trabalho e mais trabalho, contenção e mais contenção, que parecem e parecem intermináveis.
Evocar Abril é retirar a seu tempo as lições do que foi e é esta vivência única, as fragilidades, as desigualdades, as clivagens no nosso tecido social, as debilidades, as carências, as descoerências, a rigidez, a lentidão em demasiadas *das nossas instituições, mas também os exemplos de criatividade*. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020)

⁶ Relembre-se a pandemia da Covid-19, que afetou o cenário mundial acarretando sérias implicações ao nível social, económico e financeiro; e que, face ao elevado nível de contágio do vírus, obrigava a uma liberdade condicionada. A Assembleia da República deliberou, contudo, manter, a cerimónia oficial de evocação do 25 de Abril deste ano de 2020, embora com um número muito reduzido de deputados e de convidados. E o presidente justificou o cenário ao advertir: “A presente evocação não é uma festa de políticos alheios ao clima de privação vivido na sociedade portuguesa.” (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020).

Mais do que valorizar os valores sociopolíticos ou ideológicos, o que seria expectável nos discursos de celebração, escolhe argumentos baseados na simplicidade e na capacidade de construção e de superação, predominando os que decorrem da solidariedade, da confiança e da justiça social, aduzindo inclusivamente o exemplo do Papa Francisco:

- (27) É não imolar quem ficou para trás no altar do progresso, como lembrava o Papa Francisco, ou seja, não excluir ainda mais os mais excluídos. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020)

Faz continuamente questão de lembrar os que sofreram, e dá particular destaque aos retornados, o coletivo dos portugueses que regressaram das ex-colónias portuguesas após 1974 que, como afirma Rui Pena Pires, “foi um processo complexo e o maior movimento populacional da história de Portugal” (Pires, 2003, p.132).

Marcelo lembra, sobretudo às gerações vindouras, que “é prioritário assumir tudo, todo esse passado, sem autojustificações ou autocontemplações globais indevidas, nem autoflagelações globais excessivas”, pelo que, no discurso de 2021, enaltece aqueles que retornaram, em condições tão adversas, das então colónias ultramarinas:

- (28) E ainda aos muitos – e eram quase um milhão – que chegaram rigorosamente sem nada, depois de terem projetado uma vida que era ou se tornou impossível; aos muitos – e eram milhões – que sofreram, nas suas novas pátrias, conflitos internos herdados da colonização ou dos termos da descolonização. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2021)

2.3. Memória pessoal/individual

Sendo o discurso de comemoração de Abril um discurso protocolar, com uma estrutura praticamente canónica e prototípica, assinale-se que o Presidente Marcelo, de forma não expectável (e será manifestamente interessante comparar com os discursos dos outros Presidentes, no pós-25 de Abril), convoca factos autobiográficos, que, como referimos (Seara, 2019) estão ao serviço da criação do *ethos* de proximidade. Essa postura decorre da legitimidade da instância política que representa, o mais alto cargo da Nação, que lhe é reconhecida e aceite, suportada pelo “regard social” que é invocado por Charaudeau (2015): “La légitimité politique, qu'elle procède d'une filiation, d'une formation, d'un mandatement ou qu'elle soi de fait, est

toujours le résultat d'un regard social qui reflète les valeurs au nom desquelles celle-ci se fonde" (p. 59).

Neste sentido, o presidente, assumindo, com verdade, a sua história de vida, recorda a sua filiação: o seu pai, Baltazar Rebelo de Sousa, de quem herda porventura o interesse pelas causas políticas e sociais, foi ministro do Ultramar, foi governador-geral de Moçambique, durante a ditadura, no regime salazarista:

(29) Quem vos apela é isso mesmo é o filho de um governante na ditadura e no império e que viveu, na que apelida de sua segunda Pátria, o ocaso tardio e inexorável desse império e que, depois, como constituinte, viveu o arranque do novo tempo democrático. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2021)

(30) Valeu a pena. Quem o diz é um dos milhares de jovens desse início dos anos 70, então conhecedor das vicissitudes do estertor da ditadura, agora Presidente da República, em democracia, pelo voto dos portugueses. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2019)

Essa conduta verbal está ao serviço da construção da imagem de político-celebridade, a que aludimos anteriormente, pois cumpre-se o que Sá Couto intuía: "Os políticos-celebridade não hesitam em projetar as suas histórias pessoais, idiosincrasias e famílias". (Sá Couto, 2019, p. 33).

3. Estratégias discursivas ao serviço da construção da MEMORIA

Uma das estratégias discursivas para a construção da *memoria* é o recurso ao emprego da anáfora retórica.

3.1. Anáfora retórica

Partimos do estudo de Magri-Mourgues (2015), que procedeu a uma investigação sobre a anáfora retórica no discurso político do presidente francês Nicholas Sarkozy, para defendermos que esta figura é um dos alicerces da estrutura discursivo-textual, pois embora possa duvidar-se da sua função de progressão discursiva, já que há uma retoma reiterada dos mesmos

segmentos⁷, ela representa inequivocamente um fator de estruturação textual ou, nas palavras de J.-M. Adam (1990, p. 172), um fator de textualidade.⁸ Desempenha um papel na arquitetura textual (Bonhomme, 1998), uma função de coesão aparentemente muito forte, uma vez que atua como elemento de ligação intra e interfrástico.

Tratando-se da repetição de estruturas idênticas no início de enunciados sucessivos, em geral contíguos, a anáfora retórica desempenha não apenas um papel na estruturação textual, mas dada a sua brevidade – relevante no discurso escrito oralizado – concorre para a capacidade de memorização do auditório, na medida em que a repetição da estrutura está ao serviço da sua mais fácil fixação. A este propósito, será curioso lembrar a produtividade dessa figura em textos de carácter religioso, tais como orações e ladainhas, com o objetivo similar de mais fácil repetição.

As repetições no início de frases sucessivas são relevantes do ponto de vista pragmático, na medida em que é o valor axiológico positivo ou negativo do segmento repetido que é acentuado, contrariando, assim, a monotonia de uma simples enumeração, tal como refere Molinié:

La reprise à l'identique modifie le schéma syntaxique et mélodique de l'énoncé : au lieu du *continuum* réalisable par l'énumération qui déplaçerait l'attention de l'auditeur ou du lecteur vers le complément du prédicat verbal en jouant sur le procédé de l'accumulation, s'instaure un phénomène de relance syntaxique renouvelé, en faveur d'un signifié global, qui tend à fondre les itérations sonores dans un même accent sémantique. (Molinié, 1986, p. 99)

A anáfora retórica é considerada um fenómeno textual, retórico e de memória, já que estabelece uma ligação a um referente já conhecido e presente na memória do interlocutor ou do auditório do discurso. A conceção de anáfora como fenómeno ao serviço da memória supera o critério textual, pois é considerado como determinante o conhecimento do referente, implicando a necessidade de se encontrar, no texto ou na memória discursiva, a entidade pertinente para a sua interpretação.

7 Magri-Mourgues adverte inclusivamente que “le martèlement prend l'allure d'une litanie quand les occurrences se succèdent identiques” (Magri-Mourgues, 2015, p. 2). <https://journals.openedition.org/semn/10319#text>

8 Para J.-M. Adam (1990), a textualidade é concebida como “un équilibre délicat entre une continuité-répétition d'une part et une progression de l'information, d'autre part.” (p. 45).

Os tratados de retórica atribuem à anáfora retórica o valor de amplificação e ênfase. Como sublinha Bonhomme, serve para ativar uma "referência ostensiva" (Bonhomme, 2005, p. 112) e manter a atenção do auditório.

Ilustremos este uso com uma passagem do discurso do 25 de Abril, de 2017, em que o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa atribui a responsabilidade do 25 de Abril ao coletivo, justamente aos *portugueses*:

- (31) Sim, porque não podemos olvidar que, se há heróis da nossa democracia, para além dos que a prepararam e que, no 25 de Abril, lhe abriram caminhos de futuro, *esses heróis são os portugueses*. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

O discurso subsequente é construído em torno desta construção anafórica, em início de enunciado, explicitando, detalhando, e enumerando as formas quotidianas através das quais os portugueses constroem a democracia:

- (32) *Os portugueses* constroem a democracia pelo voto [...].
Os portugueses constroem a democracia nas escolas, nos lugares de trabalho nos sindicatos [...].
Os portugueses constroem democracia quando, emigrantes, nunca se esquecem das suas terras e para elas contribuem sem cessar [...].
Os portugueses constroem democracia quando, ao fim de anos de sacrifício, sentem que valeu a pena tudo terem feito para sanear as finanças públicas ou tornar possível crescer e criar emprego de forma duradoura
 Em suma, *aos portugueses devemos a nossa democracia ser efetivamente representativa e salutarmente participativa* [...]. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

Na realidade, mais do que uma progressão, trata-se de uma anáfora paratática, em que, ao contrário da anáfora gramatical, a interpretação do segmento referencial repetido depende do enunciado original, mas é completado e atualizado, no sentido de enumerar as diferentes classes e atributos dos portugueses que são convocados a fim de construir um todo abrangente e homogéneo, que espelhe a imagem da construção coletiva da democracia pelo povo. É curioso anotar dois pormenores linguísticos que embora possam parecer, à primeira vista, despidiendos, merecem destaque: nos dois primeiros enunciados, o emprego do artigo definido "a democracia",

nos dois enunciados seguintes é omitido, privilegiando-se o substantivo genérico “os portugueses constroem democracia”.

Por sua vez, no enunciado conclusivo da sequência “aos portugueses, devemos a nossa democracia” assume, de novo, destaque o agente “portugueses”, insistindo que a dívida da democracia é efetivamente coletiva, ensaiando atualizar a memória coletiva.

Os portugueses são exaltados em todos os discursos, como se comprova nas seguintes passagens:

(33) O 25 de Abril tem vários heróis – e o maior de todos é *o povo português*. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

(34) Fomos pioneiros há 500 anos, quando tirámos partido da nossa proximidade ao oceano para descobrirmos novos mundos: Fomos pioneiros há 40 anos quando a revolução de Abril iniciou uma vaga de democratização [...].
Enfrentamos grandes desafios, sem dúvida, mas *a história revelou que foi sempre nessas alturas que mostrámos ser mais fortes e mais corajosos*. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

(35) Sim, porque não podemos olvidar que, se há heróis da nossa democracia, para além dos que a prepararam e que, no 25 de Abril, lhe abriram caminhos de futuro, *esses heróis são os portugueses*. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

O presidente elenca as razões que presidem à prossecução da comemoração de Abril, escolhendo uma construção final com infinitivo, em início de frase, concorrendo as formas verbais escolhidas para a construção não apenas da memória (*evocar, recordar*), mas também para frisar o esforço que é necessário empreender para que seja perpetuada a lembrança (*mostrar, sublinhar, reforçar*).

(36) Faz sentido manter viva esta tradição (de celebração).
[...] *Para mostrar* que não nos esquecemos da nossa História [...].
[...] *Para evocar* os que já nos deixaram [...].
[...] *Para sublinhar* que a democracia tem uma Casa em que se entrecrocam as mais variadas visões da vida e da sociedade
[...] *Para reforçar* que é porque entre nós há tanta diversidade que [...].

[...] *Para recordar que* [...] a Assembleia da República é um símbolo primeiro da democracia portuguesa. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

Constatando que a anáfora retórica está amplamente representada no *corpus* dos discursos de comemoração de Abril proferidos pelo Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, há uma série de variantes que permitem ilustrar a sua ductilidade enunciativa.

É o caso do discurso de celebração de 2019, em que, após a saudação inaugural de cumprimentos, que integra o protocolo oficial, o presidente inicia o seu discurso com esta formulação anafórica, de estrutura paralelística:

(37) *Dir-se-ia que foi ontem, mas passaram já 45 anos.*

Dir-se-ia que foi ontem que os jovens militares de Abril protagonizaram o momento único do fim de um regime e do nascimento de outro, *mas passaram já 45 anos.*

[...]

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados: *Dir-se-ia que foi ontem, mas passaram já 45 anos.* E, há 45 anos, quais eram as expectativas, os anseios, os desafios, as causas dos jovens de Portugal? (Marcelo Rebelo de Sousa, 2019)

Atente-se no valor argumentativo desse enunciado infinitivo, com o pronome em posição mesoclítica, e que é interpretado como tendo um sujeito indeterminado. Servindo-se de uma construção argumentativa, o locutor, através do uso do operador adversativo “mas”, na segunda parte, refuta o enunciado anterior, conferindo uma maior força argumentativa, que visa justamente enfatizar a passagem do tempo. Essa construção baseia-se num esquema binário em que se opõem o passado e o presente, sendo a antonímia apoiada pelo reforço da importância na atualidade.

Por outro lado, é expectável que o emprego da anáfora seja naturalmente recorrente no fecho dos discursos, estando presente em atos de exortação, com valor iterativo e visando, por um lado, sintetizar o cerne da comemoração e, por outro, exortar a que permaneça vivo o espírito de Abril, como se pode constatar nos seguintes trechos:

(38) *Que para sempre vivam* os caminhos de liberdade, democracia e dignidade das portuguesas e dos portugueses que Abril desbravou!

Que para sempre viva Portugal! (Marcelo Rebelo de Sousa, 2019)

Nesse mesmo discurso de 2019, Marcelo Rebelo de Sousa faz uso, de novo, da anáfora retórica, estabelecendo a comparação entre o desafio que se impunha aos jovens no 25 de Abril de 1974 e o que se impõe no ano de 2019. Fá-lo através de enunciados com valor heurístico de máximas, que visam levar o auditório a optar por normas de conduta diferentes, adequadas ao tempo presente, incentivando o seu reforço. Estes enunciados breves que, de forma perentória, exortam ao crescimento da ambição espelham as causas por que os jovens em 2019 devem pugnar, pontuando, por isso, a diferença relativamente a tempos passados. A construção elítica “Mais ambição na [...]” está, assim, ao serviço da construção do valor apelativo, prescritivo e exortativo do enunciado, conferindo maior força persuasiva.

(39) *O desafio dos jovens de 25 de Abril de 1974* era muito nacional e muito concentrado em três objetivos cimeiros: a paz em África e, por isso, a descolonização, a democracia e o desenvolvimento, vistos a prazo mais curto.

O desafio dos jovens de 25 de Abril de 2019 é muito mais global, muito mais complexo, muito mais exigente, na diversidade dos fatores de que depende e do prazo alargado que envolve.

Mais ambição no Portugal pós-colonial.

Mais ambição na democracia.

Mais ambição na demografia.

Mais ambição na coesão.

Mais ambição na era digital e na antecipação do futuro do emprego e do trabalho.

Mais ambição na luta por um mundo sustentável. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2019)

A figura da anáfora retórica desempenha, como se comprova, um papel na tessitura textual (Bonhomme, 1998) e na construção da coesão, uma vez que atua como elemento de progressão. O paradoxo da repetição e do avanço do discurso, que, por um lado impõe, e, por outro transforma, conduz-nos a inferir uma progressão por detrás da sequencialidade, questionando quais as relações de hierarquização que a enumeração visa estabelecer.

Fazendo jus à história e evidenciando o lugar central de Portugal no mundo, o presidente convoca uma imagem poética “O mar projeta-nos e engrandece-nos, coloca-nos *no centro do planeta*”. Esta imagem de um país é manipulada anaforicamente, com alguma subtilidade, por expressões sinónimas, quando explicita: “Portugal não se encontra na periferia; pelo

contrário, ocupa um lugar *bem central*” ou, mais adiante “Portugal *encontra-se no fulcro da contemporaneidade*” (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016).

Relembrando a história do país, finaliza o discurso recorrendo à mesma construção anafórica ao rememorar o estatuto precursor do povo português, no tom glorificador que o caracteriza:

(40) *Fomos pioneiros há 500 anos*, quando tirámos partido da nossa proximidade ao oceano para descobriremos novos mundos; *fomos pioneiros há 40* quando a revolução de Abril iniciou uma vaga de democratização que se estendeu a vários países da Europa. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

Atente-se nesta outra formulação.

(41) No dia 25 de Abril, *devemos celebrar a esperança*. Foi *a esperança* de um tempo novo que deu ânimo e coragem aos militares que derrubaram a ditadura. *É a esperança* de um futuro melhor que nos deve juntar todos em nome de Portugal e em nome dos Portugueses. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

Eis uma ilustração organizada em torno da palavra “esperança”. Cria-se uma cadeia discursiva que dá uma aparência de coesão baseada unicamente na repetição do último termo e na exibição de um nexos causal, o que permite manter o fio do discurso, através da argumentação.

O locutor termina glosando através de um enunciado deontico, reforçando a importância de cultivar a esperança, ao referir primeiramente apenas a expressão e particularizando de seguida, relevando a importância que assumiu no passado (“*foi a esperança*”) e assumindo a sua prossecução no presente (“*É a esperança*[...]”). Evidencia-se, desse modo, que a anáfora é elástica, podendo ser encurtada ou prolongada em função do desenvolvimento, como sustenta Magri-Mourgues (2015).

No discurso de celebração de 2020, reitera a importância do “passado fundador” que foi o 25 de Abril, alertando, contudo, para que os portugueses não se quedem “deslumbrados, autocontemplativos, realizados”. Sentenciosamente afirma “Valeu a pena o 25 de Abril” para, logo de seguida, explicitar, imbuído do seu pendor pedagógico, por que razão valeu a pena. E a retoma anafórica:

- (42) *Valeu a pena* mesmo aquilo que ao longo de décadas, custou a tantos, de destinos sacrificados ou de metas ainda não realizadas. *Valeu a pena*. Quem diz é um dos milhares de jovens desse início dos anos 70, então conhecedor do estertor da ditadura, agora Presidente da República, em democracia, pelo voto dos portugueses. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020)

O discurso de comemoração configura, como se comprova, uma forma de ação política, sendo, por isso, proferido para exercer uma influência sobre um público plural com o objetivo de gerar ação coletiva, legitimando a autoridade presidencial. Daí que seja recorrente a aproximação dos atos breves exortativos de fecho de discurso aos enunciados dos slogans, encardados a partir dos estudos de Rinn (2008) e de Plantin (2011), que reforçam a dimensão persuasiva destes enunciados. Para Barbeau, “[le slogan] il doit être concis, accrocheur et marquer l’esprit tout en ayant une forte dimension persuasive afin d’amener autrui à agir” (2015, p. 2), sendo evidenciado na mobilização da construção coletiva do espírito de liberdade de Abril:

- (43) *Que para sempre vivam* os caminhos de liberdade, democracia e dignidade das portuguesas e dos portugueses que Abril desbravou!
Que para sempre viva Portugal! (Marcelo Rebelo de Sousa, 2019)

Convocaremos um derradeiro exemplo, do discurso oficial de 2020, para ilustrar o uso reiterado e exponencial desse tipo de formulação anafórica, que surge em *doze* inícios de parágrafos consecutivos. O sucedâneo destes enunciados permite primeiramente comprovar a força persuasiva da anáfora, mas, neste caso, a escolha deliberada da forma verbal “evocar” ratifica precisamente o valor que é conferido à memória, apelando a um passado (que é explanado em alusões a múltiplos factos ou obreiros da história) e trazendo-o para o presente.

- i. *Evocar o 25 de Abril* é falar deste tempo, não é ignorá-lo.
- ii. *Evocar Abril* não é apenas, nem sobretudo, saudar de modo especial o Presidente António Ramalho Eanes [...].
- iii. *Evocar Abril* não é apenas, nem sobretudo, agradecer ao representante dos Capitães de Abril [...].
- iv. *Evocar Abril* não é apenas, nem sobretudo, recordar a Constituição.
- v. *Evocar Abril* não é apenas, nem sobretudo, recordar, neste primeiro ano em que já não estão todos eles conosco, os quatro principais fundadores partidários.

- vi. *Evocar Abril* é, nesta circunstância, combater a crise na saúde [...].
- vii. *Evocar Abril* é chorar os mortos, que não merecem, no fim desta provação, uma homenagem coletiva.
- viii. *Evocar Abril* é testar os que há a testar. É isolar os que há a isolar. É internar os que há a internar.
- ix. *Evocar Abril* é testemunhar gratidão sem fim aos que salvaram, salvaram e salvarão vidas.
- x. *Evocar Abril* é reconhecer improvisos, impreparações, atrasos, mas também competências, devoções, determinações.
- xi. *Evocar Abril* é retirar a seu tempo as lições do que foi e é esta vivência única.
- xii. *Evocar Abril* é viver tudo isto em liberdade e democracia.

3.2. Pergunta retórica

A anáfora retórica surge reiteradamente numa combinação com outra estratégia discursiva recorrente nos discursos do presidente, que é a pergunta retórica⁹.

Conhecendo a sua longa formação como professor universitário, compreende-se o uso reiterado da pergunta, a qual, instantaneamente, é seguida da resposta compromissiva. Estrategicamente, o orador evoca factos e ideias que sabe que devem ser partilhados e fá-lo usando a pergunta retórica.

- (44) Quando e como voltará Portugal a querer ser uma sociedade a rejuvenescer [...]?
Quando e como esbateremos mesmo as desigualdades que ainda persistem [...]?
Quando e como anteciparemos o que aí vem, nesta era de revolução digital [...]?
Quando e como conseguiremos explicar aos menos jovens, e são muitos [...]? (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020)

Após esta sequência anafórica de perguntas retóricas, recenseia, através de enunciados breves, os tópicos mais importantes através dos quais quer acenar e relembrar aos mais jovens, aqueles que, neste momento do

⁹ Assinalámos, já em Seara (2019, p. 108), a relevância da pergunta retórica quando afirmámos: “De resto, como estratégia discursiva, o par adjacente pergunta-resposta constitui um dos exemplos mais comuns na interação em sala de aula (Rodrigues, 1998, p. 129). A repetição, por seu turno, serve também para focar a atenção “on the part of the other speaker’s discourse that the interlocutor now intends to address or expand of” (Schegloff, 1997; Tannen, 2007, p. 16).

discurso, privilegia. Dessa forma, reforça a necessidade de participação dos jovens, a fim de que se consciencializem do que foi o passado, a vivência em ditadura, a fim de valorizarem os princípios instaurados pelo 25 de Abril, enfatizando os ganhos em relação à pretérita realidade.

O enunciado interrogativo, seguido de resposta afirmativa simples, dada pelo uso do advérbio de afirmação, no sentido de reforçar a polaridade positiva – mais do que um advérbio consideramos que se constitui como um pró-texto, pois poder-se-ia glosar a partir da retoma do mesmo enunciado da pergunta – ajuda, assim, a construir a memória dos feitos já alcançados e cumpridos. Atesta-se o valor assertivo da pergunta retórica já intuído por Gardes-Tamine que a considerava como “une fausse question” (1993, p. 32), na medida em que apenas deseja captar a sua concordância, apesar de paradoxalmente instaurar uma relação de dialogismo com o auditório. Atente-se na sequência:

(45) Pós-descolonização? *Sim*.

Visão universal? *Sim*, querem-na, se significar um mundo mais aberto, mais dialogante, mais multilateral, mais inclusivo, mais contrário a clivagens que separem, que humilhem, que desumanizem

Democracia? *Sim!* Não querem voltar a ditaduras[...]

Desenvolvimento para mais e maior justiça social? *Sim!*

Parece um programa impossível? *Talvez*. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2019)

O discurso de 2019 culmina, resgatando, de novo, as estratégias amplamente declinadas nos discursos do presidente: a anáfora retórica, a pergunta retórica, sendo importante, neste caso, realçar a sua formulação negativa, às quais se apõem atos exortativos, construídos a partir da expressão “Que para sempre viva(m)!”

(46) *Por que razão haveriam* de ser as gerações de hoje as primeiras a renunciar a construir o impossível?!

Por que razão haveríamos de ser nós – precisamente nós! – a não acreditar em Portugal?! [...]. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2019)

As perguntas retóricas são uma exortação à reflexão por parte do auditório e, na maioria dos usos, atestados nos discursos presidenciais analisados, configuram perguntas interpelativas, que servem amiúde para interpe-lar ou para denunciar ou criticar e que visam convocar o auditório como

testemunha. Trata-se de perguntas fictivas, na medida em que visam apenas que o auditório ateste o que lhe é apresentado pelo orador, oferecendo-lhe apenas o direito de aprovar. É expressa uma orientação de anuência, porventura de convivência, relativamente à resposta pretendida pelo orador. Através dela, o presidente ensaia transformar a sua opinião pessoal numa opinião dita consensual. Assim se comprova o que sustenta Borillo (1981): “La question rhétorique, avec sa réponse implicitement suggérée, trouve éventuellement son interprétation dans la mise en place des bases discursives qui fondent l’interrogation.” (p. 4).

No discurso de 2017, o presidente convoca a sua experiência enquanto professor da Faculdade de Direito de Lisboa, relembrando uma dúvida que os seus estudantes lhe colocavam, e reproduz-la, questionando o espírito da celebração de Abril.

- (47) Faria ainda sentido uma cerimónia, aparentemente de mera rotina, num claustro fechado, dividida entre reiterar a devida gratidão aos destemidos militares de 1974 e a todos quantos os haviam antecedido, na luta pela liberdade e pela democracia, e repetir os argumentos de confronto político de cada instante, nalguns casos pontuados por avisos ou quase ultimatums presidenciais? (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

E as perguntas sucedem-se, questionando a rotina da celebração:

- (48) Não seria preferível viver a data fora do hemiciclo, junto de mais portuguesas e portugueses, num gesto de abertura política a problemas concretos do dia a dia do cidadão comum, inovando nas ideias e ultrapassando a sensação de se estar a ver o mesmo, ainda que as pessoas e as circunstâncias fossem diferentes? (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

A resposta pode encontrar-se um pouco mais adiante, em frases lapidárias, assertivas, reforçando a importância da História e da memória:

- (49) [...] Faz sentido manter a tradição. Hoje, mais do que nunca. *Para mostrar que não nos esquecemos da nossa História* e que há datas – como o 25 de Abril – [...] que não foram nem nunca serão indiferentes ao nosso destino coletivo. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

Por sua vez, no discurso de 2022, combinam-se as estratégias que vimos anotando como dominantes: a anáfora e a interrogação retórica, questionando, perguntando, respondendo, insistindo na construção da relação dialógica com o seu auditório, expondo o seu conhecimento e explicando detalhadamente o que é a Pátria, como se estivesse no púlpito da sua aula.

(50) Pela Pátria!

E o que é a Pátria que elas [Forças Armadas] existem para servir? É um Estado independente há quase 900 anos? É, mas é mais do que isso.

É uma comunidade de vida, de cultura, de língua, de identidades forjadas na diversidade, a que muitos chamam Nação, mesmo se o nosso Estado é, há muito plurinacional? É, mas é mais do que isso.

É uma História feitas de glórias e fracassos, e mais glórias que fracassos, senão, porventura, aqui não estaríamos agora? É, mas é mais do que isso.

É uma ideia, um projeto, um desígnio que nos une para além daquilo que nos separa, como o sermos universais, espalhados pelos mundos e servindo como plataformas de encontro entre eles? É, mas é muito mais do que isso. É tudo o que disse, mas mais, muito mais.
(Marcelo Rebelo de Sousa, 2022)

Como se comprova, a resposta é categoricamente afirmativa, porém, incompleta. Elenca traços definitórios, retoma-os, repete-os, reformula-os, mas nunca são suficientes, como comprova a segunda parte do enunciado-resposta. A última ocorrência funciona como o culminar discursivo de uma enumeração, ecoando, dessa forma, a anáfora, desta vez na posição de epífora, reforçando que a cadeia discursiva poderia prosseguir. Comprova-se, deste modo, o que, de resto, Fontanier, já em 1968 prescrevera quanto à interrogação retórica: “elle consiste à prendre le ton interrogatif non pas pour marquer un doute et provoquer une réponse, mais pour indiquer au contraire la plus grande persuasion et défier ceux à qui on parle de pouvoir nier ou même répondre.” (Fontanier, 1968, p. 368).

Assevera-se, por isso, o que sustentámos em trabalho anterior:

À repetição dos atos ilocutórios de pergunta, segue-se de imediato a resposta com repetição do segmento, com um objetivo de reiteração, de confirmação do propósito. Configuram, pois, um argumento

fortíssimo para mostrar os desejos do Presidente da República e o compromisso para os alcançar [...]. (Seara, 2019, p. 106)

O recurso à anáfora retórica faz, de facto, parte da estruturação sonora e rítmica dos discursos presidenciais, dado que a repetição e a estrutura paralelística das sequências assumem um forte poder persuasivo. Não se propõem ideias novas, circunscrevem-se e sistematizam-se definições, cumprindo, assim, as funções do género epidíctico, em torno de um núcleo axiológico, na medida em que se evidenciam mecanismos de identificação que ajudam a construir o sentido de comunidade, de povo, de pátria.

Os discursos de comemoração constroem um mundo de referência a partir dessas duas estratégias que destacámos. Assumem, desta forma, uma dimensão autotélica, na medida em que a concatenação de anáforas e de perguntas retóricas, como figuras estruturantes e amplificadoras, imbuídas de uma dimensão performativa, através da sua assertividade, estão ao serviço da "modalização enfática da asserção" (Angenot, 1992, p. 238) e concorrem para a construção da coesão e coerência discursivas.

3.3. Aforização

O discurso político é um lugar de memória. Os enunciados surgem e resurgem em determinados momentos históricos e, sobretudo, em momentos de celebração, são lembrados, inovados e repetidos. Enunciados breves, aforismos, sentenças, slogans integram, pois, esse património verbal do discurso político que traz os vestígios de evoluções e contingências políticas, decorrentes dos momentos históricos e, sobretudo, dos seus protagonistas, como adverte Courtine (1981/2006): "Se o discurso é um lugar de memória, é porque ele traz o vestígio [...] das flutuações e das contingências de uma estratégia; a impressão sedimentada de uma história, de suas continuidades e de suas ruturas (p. 92).

Essas formas sentenciosas, estas formulações concisas, que inauguram e encerram os discursos presidenciais, cristalizam algumas das ideias e exortações e confirmam o carácter genérico dos enunciados e estão ao serviço da aforização. Nesse sentido, neste tipo de enunciado, segundo Maingueneau (2012), o locutor/orador dirige-se a um auditório universal, sendo os enunciados modalizados deonticamente e o poder persuasivo do discurso reforçado. Nessa perspectiva, o quadro teórico para pensar a dimensão enunciativa da questão é sugerido pelas propostas de Maingueneau (2012) sobre distanciamento enunciativo e aforização:

Qu'il s'agisse d'une aphorisation primaire, comme le slogan, ou d'une aphorisation secondaire, l'aphoriseur n'énonce pas pour un allocutaire déterminé par un genre de discours, mais pour un auditoire qui ne situe pas sur le même plan, qui n'est pas susceptible d'intervenir dans l'énonciation. (p. 31)

Trata-se, por isso, de enunciados curtos e pragmáticos, simultaneamente, emotivos e mobilizadores, ao serviço da promoção da unidade nacional, numa data em que é justamente esse um dos propósitos primordiais. Anote-se que, embora breves, permitem descortinar o ideário político do presidente, perseverando no imperativo de a sociedade valorizar essa memória.

Reconhecendo o valor da palavra “esperança”, e de todo um campo lexical de valorização do ambiente festivo e de comemoração que percorre os discursos presidenciais, podemos comprovar a retoma do enunciado inaugural no discurso de 2016:

(51) Celebramos hoje o 25 de Abril, *uma ocasião de festa e alegria*, em que Portugal comemora a liberdade, a democracia e, também, o desenvolvimento e a justiça social. (Parte inaugural) (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

(52) No dia 25 de Abril, *devemos celebrar a esperança*. Foi *a esperança* de um tempo novo que deu ânimo e coragem aos militares que derrubaram a ditadura.
É *a esperança* de um futuro melhor que nos deve juntar todos em nome de Portugal e em nome dos Portugueses. (Parte final) (Marcelo Rebelo de Sousa, 2016)

O valor desta exortação final estende-se assim a todo o povo português, registando-se aqui a mesma estratégia usada pelo Presidente Mário Soares, como foi anotada no estudo do investigador Rui Ramos (2019): “A exortação à ação deixa de ser justificada, então, pela simples vontade do Presidente, para ser sustentada em algo que transcende o desejo individual, uma espécie de missão ontológica, republicana e democrática, indelevelmente marcada por uma orientação prospetiva e otimista [...]”. (p. 202)

A rematar o discurso de 2017, é outro sentimento positivo que é convocado (“orgulho”), sendo relevante aqui a assunção de um “nós” inclusivo e a repetição em todos os segmentos frásicos do possessivo “nosso”, reforçando o sentimento coletivo e a defesa de um patriotismo, que

deseja transmitir, e comprovando o *ethos* de solidariedade que o caracteriza, quer nas suas ações públicas, quer nas suas palavras. Cumpre-se assim um dos procedimentos enunciativos referenciados por Charadeau (2014), a modalidade elocutiva “d’engagement”: “L’énonciation élocutive exprime à l’aide du “nous” contribue souvent à mettre en place un *ethos* de “solidarité” dans la conviction, le devoir ou l’action (p. 135). Alguns exemplos atestam este emprego:

- (53) Em suma, temos *muito orgulho na nossa história, no nosso patriotismo aberto ao universo, na nossa capacidade para nos reinventarmos em democracia, mantendo-nos fiéis à nossa língua, às nossas raízes, à nossa maneira de ser: plataforma entre culturas, civilizações, continentes e oceanos. Numa palavra, Sr. Presidente, Sras e Srs. Deputados, nós orgulhamo-nos de Portugal.* (Marcelo Rebelo de Sousa, 2017)

No seu texto lapidar “Palavra de Presidente: construção da autoridade presidencial nos discursos de Abril”, Maria Aldina Marques, apoiada em Plantin (1996), advoga que a “representação de Abril condiciona os objetivos discursivos de comemoração e a sua orientação discursiva [...] (Marques, 2014, p. 301) e ilustra com uma passagem do discurso presidencial de Mário Soares, todo voltado para o futuro. Interessante será cotejar todos os discursos presidenciais para perceber se é o passado, o presente ou o futuro que se afiguram como dominantes.

No caso do discurso do Presidente Marcelo, em 2018, como se pode comprovar nos excertos abaixo, é notória a insistência no passado e é essa memória coletiva que o orador quer continuar a construir, ora aludindo ao número de anos volvidos, ora expressando o seu tributo de gratidão, que é, de resto, formulado de forma curiosa: retoma o número de anos sobre a revolução para enumerar, similarmente, mas de forma gradativa – num propósito inequívoco de intensificação – as vezes em que deve ser necessário agradecer. E recorda e celebra o passado, a coragem dos capitães de Abril:

- (54) *Quarenta e quatro anos passaram sobre a data primeira da democracia que hoje somos, e por muito repetitivo que a alguns pareça, ou porque resistem ao que mudou ou porque nunca conheceram o que era antes ou porque anseiam para além do que vivem, cumpre assinalar e agradecer.* (Marcelo Rebelo de Sousa, 2018)

(55) *Agradecer uma, dez, vinte, trinta, quarenta, quarenta e quatro vezes e todas as que se sigam no futuro aos Capitães de Abril, que deram o passo sem o qual a devotada luta de tantas décadas continuaria um sonho adiado. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2018)*

Cientes de que nos discursos de comemoração devem conviver a organização e transmissão dos factos históricos (a revolução de Abril e a história subsequente surgem recorrentemente), pressente-se igualmente o desejo de unificar, organizar e hierarquizar a memória coletiva, ensaiando construir, através de uma narrativa coesa, uma imagem real da sociedade e do momento¹⁰. Finaliza, assim, relembando a importância das **duas memórias**: a memória individual, de quem vivenciou os factos, e a memória coletiva¹¹ que deve organizar, orientar e permanecer, pugnando pela transmissão de um conjunto de valores que se devem perpetuar:

(56) *Termino, pois, por onde comecei, pela data histórica que nos reúne hoje aqui: o 25 de Abril de 1974 faz parte da *memória pessoal* vivida da ainda maioria dos presentes nesta evocação, que por muito que se diga que um dia será olvidada, porque banal ou remota, nunca desaparecerá da *memória coletiva*. (Marcelo Rebelo de Sousa, 2018)*

Os apelos que surgem nos finais dos discursos, expressos por exclamativas breves, incitam não só à celebração do 25 de Abril, como à defesa e ao aprofundamento dos ideais e das conquistas da Revolução, no presente e no futuro, mantendo-se sempre o tom de ampla valorização da revolução e dos ideais por ela consagrados. Incluímo-los no domínio das aforizações, precisando que se trata de slogans, na aceção de Reboul (1975): “une formule concise et frappante, facilement repérable, polémique et le plus souvent anonyme, destinée à faire agir les masses” (p. 42), inserindo-se, neste caso, no âmbito da categoria de slogan ideológico, na medida em que se cumprem os traços definitórios: é espontâneo, representa a vontade de um

10 Veja-se, a este propósito, o texto de Maria Manuela Cruzeiro: “O 25 de abril de 1974. Memória da Revolução e Revolução da Memória”, publicado em *Revista Lusófona de Estudos Culturais | Lusophone Journal of Cultural Studies*, v. 2, n. 1, pp. 25-34, 2014.

11 Subscrevemos a definição de Molinero: “A memória coletiva consiste no conjunto de elementos considerados socialmente relevantes: uma seleção de factos destinados a integrar-se na memória individual, de modo a proporcionar imagens do passado que atuam como referência social. [...] Entender o presente como História exige uma ‘objetivação’ da memória. (2006, p. 306) (sublinhado nosso).

coletivo, e atravessa temporalmente várias épocas, como se pode comprovar pela análise dos discursos de todos os presidentes pós-25 de Abril¹².

O enunciado exclamativo “*Viva o 25 de Abril! Viva Portugal!*” apresenta-se, em epílogo, em todos os discursos analisados, como um enunciado formulaico, um slogan, embora com umas ligeiras variações, das quais destacamos a do discurso de 2022, em que *Viva Portugal!* adquire uma força maior do que a da própria data da efeméride, através das expressões “mas, sobretudo” e “não menos do que isso”:

- (57) [...] Viva o 25 de Abril! Viva Portugal! (Marcelo Rebelo de Sousa, 2018)
- (58) Que para sempre vivam os caminhos de liberdade, democracia e dignidade das portuguesas e dos portugueses que Abril desbravou!
Que para sempre viva Portugal! (Marcelo Rebelo de Sousa, 2019)
- (59) Que o 25 de Abril viva sempre, como gesto libertador e fundador da história.
[...]
Nós somos esse Portugal.
Viva o 25 de Abril!
Viva Portugal! (Marcelo Rebelo de Sousa, 2020)
- (60) Para que esse sonho do 25 de Abril viva sempre. *Mas, sobretudo*, para que Portugal viva sempre.
Vivam a liberdade e a democracia!
Viva o 25 de Abril!
Viva, *não menos do que isso*, Portugal! (Marcelo Rebelo de Sousa, 2022)
- (61) *Viva o 25 de Abril!*
Viva a liberdade!
Viva a democracia!
Viva Portugal! (Marcelo Rebelo de Sousa, 2023)

12 Para além das já citadas obras de Olivier Rebol (1975). *Le slogan*. Bruxelles: Complexe, e de Michael Rinn (éd.). 2008. *Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes. Sobre o uso de slogans no discurso político, refiram-se os trabalhos de Blanche-Noëlle Grunig (1990). *Les mots de la publicité. L'architecture du slogan*. Paris, Presses du CNRS; de Robert Denton Jr. (1980). The rhetorical functions of slogans: Classifications and characteristics. *Communication Quarterly*, 28: 2, pp. 10-18.

No *terminus* do discurso de 2021, concorrem quatro das estratégias anteriormente referenciadas: i) a coexistência dos tempos verbais (passado, presente e futuro) para mostrar a coalescência da temporalidade na cerimónia de comemoração, aqui veiculada pela forma simples do presente do verbo “haver”, que reforça o valor da existência inequívoca de um país e de uma pátria; ii) o uso reiterado do possessivo, dado através da forma pronominal e das formas verbais na primeira pessoa do plural que, ao incluir o presidente, o afirmam como um concidadão; iii) o enunciado “Nós somos Portugal” reforça inequivocamente essa pertença; iv) e, por fim, o slogan festivo dos “Vivas” que tradicionalmente remata a data comemorativa:

(62) Houve, há e haverá sempre um só Portugal, um Portugal que amamos e do qual nos orgulhamos, além dos seus claros e escuros, também porque é nosso.
Nós somos esse Portugal.
Viva o 25 de Abril!
Viva Portugal! (Marcelo Rebelo de Sousa, 2021)

A força desses enunciados sentenciosos ou gnómicos advém da *performance* mnemónica, da autonomia discursiva e referencial, do apagamento do enunciador (é proferida por todos), e da sua vocação citacional (é invariavelmente a mais repetida), enunciando uma verdade que não é apenas válida para o momento histórico da celebração, mas é atemporal. Sendo a concisão a sua característica definitória, que consiste precisamente na relação entre um sentido forte e agregador, selado em poucas palavras, estão, pois, ao serviço da eficácia retórica, subscrita por Roukhomovsky (2001), “L’efficacité rhétorique de la forme brève tient désormais tout autant à cette relation *dialogique* qu’elle instaure entre l’auteur et son lecteur qu’à sa force de frappe” (p. 35). Os discursos de comemoração de Abril, sendo esta uma das datas de maior significado da história contemporânea portuguesa, assumem contornos otimistas e prospetivos, sempre no sentido de uma valorização positiva da Revolução dos Cravos: “*Que o 25 de Abril viva sempre, como gesto libertador e refundador da história* (2020); *Para que esse sonho do 25 de Abril viva sempre* (2022), ou seja, no sentido de prosseguir Abril como projeto de esperança.

4. Reflexões finais

Os discursos de comemoração de Abril, proferidos pelo Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, exibem uma ampla valorização positiva da Revolução,

pois, além de exaltarem os ideais consagrados pela Revolução, elogiam o papel dos militares de Abril, de todos os presidentes anteriores e enaltecem o povo.

Essa valorização positiva do 25 de Abril que transparece dos discursos é enfatizada, relembrando a memória de factos históricos passados, nomeadamente do tempo da ditadura, sendo destacados os mais relevantes e que estão na génese da soberania e da independência da nação.

Ensaíamos comprovar como a construção da memória é tecida através de três categorias: da memória dos factos históricos, dos protagonistas e, por último, da memória individual, convocando factos autobiográficos e espelhando o estilo idiossincrático do “Presidente dos Afetos”.

As estratégias discursivas que dominam nos discursos analisados concorrem para o “exercício do poder político presidencial” (Marques, 2014, p. 310), tendo sido destacadas, pela sua prevalência, a anáfora retórica, a pergunta retórica e a aforização.

A comparação diacrónica dos oito discursos do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa permite concluir que existe um fio condutor nos discursos da celebração de Abril, proferidos pelo Chefe de Estado, que seguem os padrões anteriormente assinalados, decorrendo estes não apenas das suas capacidades retóricas e oratórias, mas sobretudo pedagógicas. As *nuanças* mais ou menos subtis ajustam-se não só aos momentos vivenciados em cada ano, mas também aos factos históricos que seleciona e que deseja evocar para avivar a *memória*.

Em suma, o desempenho discursivo do presidente nos discursos de comemoração de Abril, embora exija a postura oficial de magistrado supremo da Nação, que discursa de um lugar marcadamente institucional, regido por regras protocolares fortemente ritualizadas – que cumpre com escrupulo – patenteia, concomitantemente, a sua leitura pessoal da data comemorativa, ensaiando transmitir o seu vasto conhecimento histórico, através da escolha deliberada dos factos que deseja destacar e das pessoas que visa enaltecer, construindo uma imagem de guardião da memória coletiva e pessoal.

O presidente corrobora, assim, nos discursos analisados, a imagem de um chefe político que valoriza o passado e a memória, pois só um sólido conhecimento da história permite celebrar Abril e prosseguir, com orgulho e esperança, a construção da unidade nacional.

Referências

- Adam, J.-M. (1990). *Éléments de Linguistique Textuel*. Mardaga.
- Amorim, F.G. (2021). *A Retórica dos Afetos: O caso do XX Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa*. Tese de Doutoramento em Estudos de Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade. ISCTE.
- Amossy, R. (2012). *L'argumentation dans le discours*. Armand Colin.
- Amossy, R. (2010). *La présentation de soi: Ethos et identité verbale*. Presses Universitaires de France.
- Amossy, R. (2008). Dimension rationnelle et dimension affective de l'ethos. In M. Rinn, (dir.), *Émotions et discours: L'usage des passions dans la langue*, (113-125). Presses Universitaires de Rennes.
- Angenot, M. (1992). *La Parole pamphlétaire*. Payot.
- Barbeau, G. B. (2015). De l'appel à mobilisation à ses mécanismes sociodiscursifs: le cas des slogans écrits du printemps érable. *Argumentation et Analyse du Discours [Online]*, 14. <http://journals.openedition.org/aad/1969>. <https://doi.org/10.4000/aad.1969>
- Bertrand, D., Dézé, A., & Missika, J.-L. (2007). *Parler pour gagner: Sémiotique des discours de la campagne présidentielle de 2007*. Presses de Sciences Po.
- Bonhomme, M. (1998). *Les figures clés di discours*. Seuil.
- Bonhomme, M., (2005). *Pragmatique des figures de style*. Champion.
- Borillo, A. (1981). *Quelques aspects de la question rhétorique en français*. DRLAV 25.
- Boussaguet, L., & Faucher, F. (2018). La construction des discours présidentiels post-attentats à l'épreuve du temps. *Mots. Les langages du politique*, 118, 95-115. <https://doi.org/10.4000/mots.23867>
- Brasart, P. (1994). Petites phrases et grands discours (Sur quelques problèmes de l'écoute du genre délibératif sous la Révolution française). *Mots. Les langages du politique*, 40. Numéro thématique: *Écoutes, échos du politique*, 106-112.
- Charaudeau, P. (1995). Une analyse sémiolinguistique du discours. *Langages*, v. 29, n. 117, 96-111.
- Charaudeau, P. (2014). *Le discours politique: Les masques du pouvoir*. Lambert-Lucas.
- Charaudeau, P. (2015). Le charisme comme condition du leadership politique. *Revue française des sciences de l'information et de la communication*. <http://journals.openedition.org/rfsic/1597>
- Courtine, J.-J. (1981). L'analyse du discours politique. *Langages* 62. 9-128.

Courtine, J.-J. (1994). Le tissu de la mémoire: Quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. *Langages*, 114, *Mémoire, histoire, langage*, 5-12.

Cruzeiro, M. (2014). O 25 de Abril de 1974. Memória da Revolução e Revolução da Memória. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 2 (1), 25-34.

Denton Jr, R. (1980). The rhetorical functions of slogans: Classifications and characteristics. *Communication Quarterly*, 28 (2), 10-18.

Espírito Santo, P. (1997). *O Processo de Persuasão Política – Abordagem Sistémica da Persuasão com Referências ao Actual Sistema Político Português*. ISCSP.

Fleurbaey, D. (2001). *Les rituels du président de la République*. PUF.

Fontanier, P. (1968). *Les Figures du discours*. Flammarion.

Foucault, M. (1969). *L'archéologie du savoir*. Gallimard.

Gardes-Tamine, J. (1993). *La Grammaire 2 – Syntaxe*. Armand Colin.

Geneviève, B. B. (2015). De l'appel à mobilisation à ses mécanismes sociodiscursifs: le cas des slogans écrits du printemps érable. *Argumentation et Analyse du Discours*, 14. <https://doi.org/10.4000/aad.1969>

Grunig, B.-N. (1990). *Les mots de la publicité. L'architecture du slogan*. Presses du CNRS.

Halbwachs, M. (1995) [1925]. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Mouton.

Halbwachs, M. (1997) [1950]. *La mémoire collective*. Albin Michel.

João, M.I. (2003). Memória e comemoração. *História Revista* 8 (2/3). <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10474>

Krieg-Planque, A. (2006). "Formules" et "lieux discursifs": propositions pour l'analyse du discours politique. *Semen. Revue de sémio-linguistique des textes et discours*, 34.

Krieg-Planque, A. (2009). *La notion de «formule» en analyse du discours: Cadre théorique et méthodologique*. Presses Universitaires de Franche-Comté.

Krieg-Planque, A. (2011). Les «petites phrases»: un objet pour l'analyse des discours politiques et médiatiques. *Communication & Langages*, 168, 23-41.

Krieg-Planque, A., & Ollivier-Yaniv, C. (2011). Les «petites phrases» en politique. *Communication & Langages*, 168.

Lacroix, B., & Lagroye, J. (1992). *Le président de la République: Usages et genèses d'une institution*. Presses de Sciences Po.

Le Goff, J. (1977). *Histoire et mémoire*. Gallimard.

- Lehingue, P. (1992). La parole présidentielle: travail de codification et définition de poste. In B. Lacroix & J. Lagroye (Eds.), *Le président de la République: Usages et genèses d'une institution* (pp. 109-140). Presses de Sciences Po.
- Lochard, G., & Boyer, H. (1998). *La communication médiatique*. Editions du Seuil.
- Lopes, F. (Ed.) (2017). *O Presidente da República em notícia: análise do primeiro ano de Marcelo Rebelo de Sousa em Belém* [e-book]: CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/221/showToc
- Magri-Mourgues, V. (2015). L'anaphore rhétorique dans le discours politique. L'exemple de N. Sarkozy. *Semen*, 38. <http://journals.openedition.org/semen/10319>
- Maigneueau, D. (2002). Problèmes d'*Ethos. Pratiques*, 113/114, 55-67.
- Maigneueau, D. (2006). Les énoncés détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l'aphorisation. *TRANEL. Travaux Neuchâtelois de linguistique*, 44, 107-120.
- Maigneueau, D. (2010). L'énonciation aphorissante. In M. Iliescu, H. Siller-Rungaldier, & P. Danler (Eds.), *Actes du XXV^e Congrès International de Linguistique et de Philologie romanes, tome V* (pp. 163-170). De Gruyter.
- Maigneueau, D. (2011). Les "petites phrases": sur une petite phrase "de" Nicolas Sarkozy. Aphorisation et auctorialité. *Communication & langages*, 168, 43-56.
- Maigneueau, D. (2012). *Les phrases sans texte*. Armand Colin.
- Marques, M. A. (2014). Palavra de Presidente: construção da autoridade nos discursos de Abril. *forma breve* 11. Universidade de Aveiro. 297-311.
- Marques, M.A. (2016). Discours présidentiels au Portugal. Un regard pluridisciplinaire". *Mots. Les langages du politique*, 112, 125-132.
- Marques, M.A. (2017). Approximation, force argumentative et déixis personnelle dans les discours politiques de commémoration. In M.H.A. Carreira & A. Teletin (ed.), *Travaux et Documents 62 – La déixis et son expression dans les langues romanes* (pp. 67-80): Université Paris 8.
- Marques, M. A. (2018). Enunciação e referenciação. Os discursos de celebração de Abril. *REDIS Revista de Estudos do Discurso* 7, 121-140.
- Matos, V. (2012). *Marcelo Rebelo de Sousa. Biografia*. Esfera dos Livros.
- Molinero, C. (2006). Lugares de memoria y políticas de memoria. In F. Gómez (Ed.), *El Derecho a la Memoria* (pp. 298-306). Derechos Humanos, 5.
- Molinié, G. (1986). *Éléments de stylistique française*. Presses Universitaires de France.
- Mourão, A. F. (2017). *O poder da imagem mediática de Marcelo Rebelo de Sousa – O perfil de um candidato atípico*. Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/15931>

Nora, P. (1984). *Les lieux de mémoire*. Gallimard.

Nora, P. (1997). Entre Mémoire et Histoire. La problématique des lieux. In P. Nora (Ed.), *Les lieux de mémoire* (p.24). Gallimard.

Pacheco, J. P. (2019). *A Influência das Sondagens na Intenção de Voto – Uma Análise da Eleição de Marcelo Rebelo de Sousa*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade do Minho.

Paveau, M-A. (2006). *Chapitre 3. Les prédiscours. Sens, mémoire, cognition*. Presse Sorbonne Nouvelle. <http://books.openedition.org/psn/735>

Paveau, M-A. (2006). La mémoire en discours. In M.-A. Paveau, *Les prédiscours: Sens, mémoire, cognition*. Presses Sorbonne Nouvelle. <https://doi.org/10.4000/books.psn.735>

Pires, R. P. (1987). *Os retornados: um estudo sociográfico*. IED – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

Pires, R.P.(2003). *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*. Celta Editora.

Plantin, C. (2011). *Les bonnes raisons des émotions*. Peter Lang.

Possenti, S. (2011). Réflexions sur la mémoire discursive. *Argumentation et Analyse du Discours*, 7. <https://doi.org/10.4000/aad.1200>

Prior, H. (2018). O *Pathos* na Comunicação Política: da política dos afectos ao Neuropoder. *Revista Rhétoriké*, 5, 73-88.

Reboul, O. (1975). *Le slogan*. Complexe.

Revista CRISTINA | Entrevista a Marcelo Rebelo Sousa. (n.d.). www.youtube.com. Retrieved April 8, 2024, from <https://www.youtube.com/watch?v=kEdMurLo-kw>

Ricœur, P. (2000). *Archéologie du savoir*. In P. Ricœur, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Seuil.

Rinn, M. (2008). *Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue*. Presses Universitaires de Rennes.

Roukhomovsky, B. (2001). *Lire les formes brèves*. Armand Colin.

Sá Couto, S. (2019). *O Presidente Celebridade*. Tese de doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/119125>

Seara, I. R. (2019). “O Presidente é o fusível de segurança do sistema”. Discurso de comemoração de mandato presidencial e diálogo subsequente. Construção do *ethos* de proximidade e de autoridade. In M. A. Marques & S. G. Sousa (orgs.), *Linguagens de Poder* (pp. 97-117). CEHUM/Edições Húmus.

Sebastião, C. (2018). *Marcelo Rebelo de Sousa – O Presidente dos Afetos*. Paulus Editora.

Ramos, R. (2014) O discurso da liberdade na pós-revolução. Análise de um discurso comemorativo do 25 de Abril em 1977. *Forma breve*, n.º 11, 273-295.

Ramos, R. (2019) “Mário Soares: Discursos do Presidente Mário Soares nas comemorações do 25 de Abril (1986–1995)”. M.A. Marques & X. M. Sán (eds), *Estudos atuais de linguística galego-portuguesa* (pp. 187-212). Ed. Laiovento.

Soares, S. (2019). *Para preencher o défice de esperança...um discurso de afetos – Análise retórico-discursiva e contrastiva dos discursos do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa e dos seus antecessores*. Dissertação de Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa, Universidade Aberta.

Webgrafia

Página da Presidência da República Portuguesa: <https://www.presidencia.pt/>